

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Saulo Fernandes
Roberta Greenvile

Resumo

Acreditamos que a significação da educação física dentro do currículo escolar, perpassa por um entendimento mais elaborado e planejado da avaliação de seu ensino, sendo esta tomada como um processo contínuo de verificação, tanto para os alunos, quanto para professores. O seu desmerecimento por parte das escolas possui, em seu bojo, a defeituosa avaliação realizada pelos professores dos objetivos de aprendizagem propostos. Em período de prática de ensino e estágio supervisionado, realizado em escola do município do Recife-PE, procurou-se efetuar observações de aulas, documentadas através de relatórios de campo, bem como a regência através

Abstract

We understand the significance of physical education into the school curriculum, colours for a more elaborate and planned understanding of the assessment of their teaching, and making this as a continuous process of verification, both for the students, and for teachers. Your desmerecimento by the schools has, in its midst, the defective assessment by teachers of the goals of learning offered. In the period of practice teaching and supervised internship, held in the city of Recife school-PE, it is making observations of classes, documented by reports from the field, as well as regência through the use of varied teaching methods,

da utilização de variados métodos de ensino, ora centrados no treinamento das modalidades esportivas, ora organizados através de métodos criativos de ensino. Constatamos, ao final, que todo o processo de surgimento e ascensão da disciplina dentro da escola trouxe, para a atual prática dos professores, metodologias centradas nos desportos e no tecnicismo prático do “fazer por fazer”. Propomos, então, a utilização de avaliações igualmente práticas, porém, voltadas à produção do conhecimento através de métodos criativos de ensino da educação física, focando a práxis da disciplina e, conseqüentemente, o “pensar a prática”.

Palavras-chaves: Educação física; escola; avaliação

yet focused in the training of ways sports, sometimes organised through creative methods of teaching. At the end, that the entire process of rise and rise of discipline within the school brought to the current practice of teachers, methodologies focus on sports and the technicality of practical “how to do”. We propose, therefore, the use of assessments also practice, but geared to the production of knowledge through creative methods of teaching physical education, focusing on the practice of discipline and, consequently, the “thinking the practice.”

Keywords: physical education; school; assessment.

1- Introdução

Avaliação. Do ponto de vista do seu conceito, segundo FERREIRA (1986), possui como sinônimos/significados *determinar a valia ou o valor de; calcular; apreciar ou estimar o merecimento*. Trata-se de um processo, portanto, que nos remete à parâmetros determinados, escolhidos e confrontados, a fim de qualificar, ou quantificar, determinado processo, quantidade ou qualidade, que se pretende definir. Estas qualidades e quantidades referenciais, como o próprio nome nos sugere, são utilizadas para que possamos entender em quão grau

está aquela qualidade / quantidade que se pretende qualificar/quantificar. Estes padrões, a partir desse confronto, podem ser conceituados como normais, quando encontram-se próximos aos valores de referência, ou como anormais, quando distantes desses valores.

Essa é uma das características importantes da avaliação especificamente, e do processo avaliativo de uma forma geral, porém não é a única. Ainda neste particular, podemos sistematizar várias formas de avaliação, ora referenciadas por normas, ora por critérios e ora por valores, todos procurando padronizar um determinado evento, processo

ou qualidade. Recomendamos aqui, caso pretendemos manter um olhar para estas características “fechadas” de avaliação, a análise de GUEDES (2006), no que diz respeito aos vários tipos e processos avaliativos, principalmente quando dos primeiros capítulos de sua obra, no qual mantém uma sistematização elegante e fixa sobre essas características pragmáticas da avaliação, embora o referido texto tratar de um aspecto da avaliação em educação física fora do contexto escolar.

Porém, não é essa visão e discussão dialogais que pretendemos manter sobre o tema. Pelo contrário. Quando nos propomos a estudar e realizar uma revisão dos conceitos, históricos e epistemológicos sobre a avaliação da aprendizagem, focamos nossa experiência dentro do contexto escolar, de uma forma geral, e na educação física especificamente, por vários motivos, que serão sistematizados a seguir. É notório, a partir das várias produções científicas que se sucedem, que há uma forte demanda pela significação da disciplina educação física na vida / currículo escolar (SOUZA JÚNIOR, 1999, 2000) Coletivo de autores (1992), TAFFAREL (1985), dentre inúmeros.

A disciplina, caracterizada por não ser uma *ciência*¹ por si só, tende a manifestar suas escolhas e objetos de estudos dentro de uma *área de conhecimento específica*. Esta luta por sua significação, foi forjada a partir da própria história da educação no Brasil, servindo a educação física aos interesses e influências da sociedade brasileira nos vários períodos temporais (imperial, republicano, militar, capitalista, etc). Dentro destes vários períodos, a educação física, e seus estudiosos, procuraram desenvolver metodologias que assegurassem a sua permanência dentro da escola brasileira, e essas metodologias, cercadas por ideais políticos e influenciados por seus interesses, apresentaram objetivos-características distintas umas das outras. Essas características-objetivos, desencadeiam todo um processo de ensino e aprendizagem que vão, de uma maneira ou de outra, influenciar as formas de avaliação deste mesmo processo.

É com o interesse de estudar os mecanismos históricos, sociais, metodológicos e filosóficos, que interferem no processo de avaliação da educação física escolar, bem como confrontar estes mecanismos com nossa prática de

¹ Entende-se aqui como o conjunto de experiências e conhecimentos que garantem sua própria definição e organização a partir de instrumentos que lhe são únicos, não dependendo de outras ciências, para explicar fenômenos e processos por ela estudados.

ensino supervisionado e propor alternativas que atenuem os problemas que venham a surgir, que nos propomos a discutir esse tema que, em nosso entendimento, pode qualificar ainda mais o trabalho do professor e, sobretudo, ajudar a significação da disciplina dentro da escola brasileira.

2- Referenciais teóricos

2.1- A avaliação no contexto histórico da Educação Física brasileira

A avaliação do ensino com base no que é visto e vivenciado no cotidiano das escolas brasileiras, serve-se de algumas características bastante discutíveis, tanto do ponto de vista histórico, quanto do ponto de vista pedagógico e metodológico. Tais características estão altamente interligadas entre si, fazendo com que tenhamos que interpretar seus valores e influências de forma globalizada.

Historicamente, sem nos ater a aspectos muito detalhados das passagens temporais da educação como um todo, percebemos que, como todas as questões afetas a escola, a avaliação passou pelas diversas fases de desenvolvimento do contexto escolar, seja por conta das características advindas do período sócio-político em que o Brasil

se encontrou, seja pelas influências e objetivos característicos de cada metodologia do ensino / presente da educação física na escola.

No início da sistematização do conhecimento nas escolas – aproximadamente meados do século XVIII – a didática e o surgimento das principais disciplinas de conhecimentos gerais, encontravam no seu interior, o objetivo de ensinar “tudo a todos”, ou seja, ao aluno era ensinado todos os conteúdos e ciências naturais, sociais, exatas e religiosas, entendendo este ensino relativo apenas a uma parte da população política e economicamente privilegiada. É importante lembrar ainda que, as instituições responsáveis pelo oferecimento, organização e aferição da aprendizagem dos alunos eram instituições altamente repressivas e opressivas, que faziam valer o poder do Estado, Império, República ou Igreja, e que aqueles que não se adaptavam as normas pré-estabelecidas, simplesmente eram excluídos do processo ou postos em segundo plano, desencadeando ao final do período escolar a ocupação de funções inferiores de trabalho e de produção. A avaliação, neste sentido, servia apenas como mais um instrumento de repressão e opressão social. A força e o poder das instituições dominantes eram postos em prática nos momentos pré-determinados de avaliação dos

conhecimentos e conteúdos ensinados, que geralmente aconteciam por meio de provas documentais.

Procurando focalizar a discussão do ponto de vista da educação física, e mantendo um olhar direcionado às fases históricas do desenvolvimento da disciplina, veremos que as vertentes metodológicas do ensino deste componente curricular, como mostrado por GUIRALDELLI JÚNIOR (2002), são capazes de influenciar os métodos e conceitos avaliativos.

Durante os períodos militares – nos quais a disciplina incorporava métodos de ensino de conteúdos e padronização de cidadãos forjando práticas rígidas de movimentos baseados em métodos ginásticos europeus – a avaliação do ensino era realizada com base da submissão e na averiguação dos mais fortes e capazes de defender os objetivos do Estado dominante. A rigidez, o medo, o respeito aos superiores e a submissão dos alunos, era a tônica das avaliações, realizadas tanto do ponto de vista teórico (provas, avaliações físicas, etc.), quanto do ponto de vista prático (testes de esforço, provas de nado, corrida, desportos individuais, etc.).

Com um objetivo parecido ao das instituições militares, o período higienista de ensino da educação física, também manteve seu olhar voltado à assepsia social e política da

população. Talvez a grande distinção encontrada neste período, comparando com o período militarista, é o fato de haver uma preocupação biológica maior, no que concerne ao exercício e ao corpo humanos, principalmente devido aos conhecimentos advindos da anatomia e da fisiologia sistêmicas. A avaliação, neste sentido, encontrava-se sustentada pelos objetivos de controle e aferição dos processos biológicos e anatômicos do corpo humano, sempre voltados à compreensão e alcance da saúde individual desvinculada do compromisso do Estado com a saúde coletiva da população. Mais uma vez, a avaliação na educação física dentro das escolas brasileiras, é forjada para a consecução dos objetivos de “conquista de aptidões” por parte dos mais fortes e mais bem preparados, sejam fisicamente ou cognitivamente.

Mais adiante no tempo, veremos que com o surgimento e aumento do número de praticantes dos desportos coletivos e individuais, bem como a crescente demanda industrial e de mecanização social pela influência do capitalismo na vida das pessoas e instituições, o esporte de alto-rendimento passa a ocupar um lugar importante nas práticas escolares, e a educação física torna-se a disciplina encarregada de transmitir e possibilitar a vivência de seus conteúdos por parte dos alunos. O ensino dos desportos tratou

de formar equipes qualificadas a disputarem jogos escolares, inter-classes, ou universitários, conforme nos mostra MORAES (2003), e as aulas eram baseadas em programas de treinamento de equipes para a participação nesses torneios. Se o ensino é baseado em treinamentos desportivos das diversas modalidades, individuais e coletivas, a metodologia e a avaliação do desempenho dos alunos, deverá acontecer de forma similar às aulas, ou seja, baseando-se na aplicação e demonstração dos conhecimentos tecnicamente corretos, do ponto de vista biomecânico. Portanto, aqueles alunos que não detinham certa facilidade na execução dos movimentos, eram mais uma vez excluídos das práticas e postos em segundo plano durante as aulas.

Novamente observamos pouco ou nenhum compromisso dos professores com os conteúdos realmente relevantes ao aprendizado e crescimento dos alunos como cidadãos sociais e democraticamente críticos de suas práticas dentro da sociedade. A educação física serve-se, de novo, aos objetivos alienados de certas práticas

pedagógicas, aparecendo não como componente curricular igual os demais, mas como um simples momento de lazer, ou de esforço obrigatório, visando o adestramento aos padrões de saúde individual e de participação competitiva em alguns desportos, focando única e exclusivamente os resultados alcançados pelas instituições que representam.

Como renovador da esperança do ensino da educação física nas escolas, surge a proposta *crítico-superadora dos conteúdos*, que visa a sistematização destes por parte dos alunos, a fim de significar a disciplina dentro das escolas brasileiras. Possui em seu bojo uma pedagogia fundamentada no estilo dialético de ensino, sustentado pelos cinco pilares-conteúdos pertinentes a educação física (dança, esporte, luta, jogo, lazer). A avaliação, neste sentido, ganha caráter espiralado² de construção do conhecimento entre professor e aluno, e ensino e aprendizagem, tornando-se participativo, qualitativo, e contínuo, dentro do planejamento traçado pelo professor à luz dos conhecimentos prévios dos alunos, suas condições sociais, físicas e afetivas.

² O sentido espiralado vem da palavra espiral, sendo considerado o tipo de ensino que se caracteriza pelo ciclo-retorno dos conteúdos do processo de ensino-aprendizagem. Um mesmo conteúdo pode ser transmitido ao(s) aluno(s) em várias fases do processo, modificando apenas o grau de especificidade deste com relação às fases anteriores. Este significado é observado freqüentemente em escolas que adotam o sentido de ciclo escolar em detrimento ao sentido de classe escolar.

Nesta proposta, a educação física é decomposta em 5 (cinco) grandes áreas de conhecimento e sistematização, que são o jogo, o esporte, a dança, as lutas e a ginástica. Assim, detendo de uma caracterização dos objetivos propostos para o processo de ensino-aprendizagem da educação física, parece-nos ser o início de uma determinação lógica para a avaliação, ou avaliações, deste processo. O quê avaliar? Acaba determinando o como avaliar?

Utilizamos estes períodos históricos com o intuito de demonstrar como eram tratados os conteúdos da educação física nas diversas fases de seu desenvolvimento. Este trato errôneo com o conhecimento da disciplina dentro das escolas, ao que parece, trata-se de um entrave problemático no que diz respeito à avaliação do seu ensino. Ora, se não sabemos ao certo quais os conteúdos que iremos ministrar em nossas aulas, o que de fato iremos avaliar em nossos alunos? Talvez, o passo inicial para o alcance de uma avaliação significativa em educação física escolar, seja a definição clara dos objetivos e dos conteúdos a serem ensinados, bem como a metodologia que empregaremos em nossas aulas. Ou seja, a avaliação sem planejamento não existe!

Ao planejarmos nossas ações, estamos efetuando, por si só, uma avaliação sistemática de

nosso próprio trabalho docente. Isto porque a avaliação é uma via de mão dupla, que deve começar com o olhar crítico do professor sobre sua própria prática. Ao nos perguntarmos como está dividido o trabalho pedagógico? Como e quais foram os critérios para seleção dos conteúdos? E quais os instrumentos didáticos e metodológicos utilizados para o alcance dos objetivos? Nós estaremos efetuando uma avaliação prévia do processo, clareando, conseqüentemente, os mecanismos para avaliação da aprendizagem dos conteúdos por parte dos alunos.

2.2- O conceito de *prova* e sua relação com a avaliação escolar e a Educação Física.

Diversas literaturas mostram que a questão das provas no contexto da educação escolar tornou-se um vício que dificilmente estará sendo curado, caso continuemos tratando da forma como é visto atualmente. Algumas escolas utilizam um discurso de que a prova é apenas um instrumento a mais do processo de avaliação, e que os demais são organizados no decorrer do desempenho dos alunos durante o período de ensino. Realmente o que vemos é a não organização da escola com base nestes parâmetros avaliativos que, por muitas vezes, se

encontra numa posição complicada no que diz respeito à avaliação de determinado aluno, já que interesses financeiros e políticos acabam por prevalecer sobre os objetivos educacionais de aprendizagem e formação do cidadão.

Na verdade, diferentemente das demais disciplinas do currículo escolar, a educação física existe, dentro da escola, como uma disciplina de caráter altamente prático. Ora, lidamos com o movimento corporal cultural humano, quer seja objetivando a melhoria da qualidade de vida individual, quer seja no intuito de entender e desenvolver as práticas que minimizem a discrepância sócio-econômica brasileira. Por este motivo básico, a realização de provas para a averiguação dos conhecimentos dos alunos, no tocante à educação física, acaba sendo apenas um instrumento para esta avaliação, contendo um fim num processo maior de aprendizado durante as próprias aulas.

Verificamos que a avaliação ganha importância dentro do contexto educacional quando, de fato, temos bem definidos os objetivos que pretendemos com as práticas metodologicamente desenvolvidas. No que concerne à educação física especificamente, por se tratar de uma disciplina que trabalha conteúdos, na grande maioria, recepcionados positivamente pelos

alunos, podemos desenvolver e utilizar vários instrumentos de caráter avaliativo durante o processo. Segundo BETTI (2003), os meios didáticos para produzir e organizar criteriosamente o aprendizado dos alunos, e conseqüentemente os mecanismos avaliativos, podem ser:

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NO CAMPO SÓCIO-COMPORTAMENTAL:

(grifos nossos)

(...) Autotestagem ou conteste, jogos de competição e cooperação, seqüências pedagógicas, demonstração, descobrimento guiado, resolução de problemas, jogos de mímica e expressão corporal, grandes jogos, jogos simbólicos, jogos rítmicos, exercícios em duplas, trios, grupos, com e sem material, circuito, aulas com música, aulas historiadadas, jogos pré-desportivos, gincanas, campeonatos, festivais. (...)

(...)

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NO CAMPO COGNITIVO:

(grifos nossos)

(...) discussões sobre temas da atualidade ligados à cultura corporal de movimento, leitura de textos, dinâmicas de discussão em grupo, matérias de jornais e revistas, uso de vídeo/TV (produções específicas ou gravações de programas

da TV), mural de notícias e informações sobre esporte e outras práticas corporais, organização de campeonatos pelos próprios alunos, trabalhos escritos, pesquisas de campo, etc. (...)

2.3- A observação do processo de ensino-aprendizagem na Educação Física escolar

Por vezes nos encontramos cometendo um equívoco na elaboração de planejamentos anuais, semestrais ou mensais, e até mesmo na produção de simples planos de aulas, ao enfatizarmos que a avaliação será realizada por intermédio da observação direta dos conhecimentos adquiridos pelos alunos. Em que momento? Quais as características que pretendemos observar nos alunos? Se o aprendizado é uma mudança de comportamento, quais os comportamentos que deveriam ser observados e tidos como parâmetros de aprendizagem?

É inevitável analisar que, se a aprendizagem deriva de uma mudança de comportamento, este, por sua vez, tende a ser uma característica observável daquele indivíduo que se pretende avaliar. Como avaliar, portanto, algumas características ou mudanças de comportamentos que não são observáveis no decorrer do processo? Caso nós centremos nossa atuação

na educação física escolar apenas através do caráter de repetição de gestos por parte dos alunos, estaremos constantemente observando e avaliando a mera participação dos indivíduos no processo de ensino e, no mais das vezes, somos obrigados inclusive a atribuir um valor, nota ou medida, aquela participação em sala de aula (quadra, pátio, etc). Participação não é nota, nem tampouco atributo para avaliação de aprendizado. A participação é obrigação dos alunos, enquanto entendimento da educação física como componente curricular obrigatório, previsto, inclusive, em Lei.

Segundo HAYDT (1997), a observação sistemática do aluno em sala de aula é um elemento indispensável à organização dos conceitos e das determinações a respeito da avaliação do processo de ensino-aprendizado. A autora nos mostra que, quando a observação é realizada de forma sistemática e consciente serve não apenas como critério de avaliação para promoção ou classificação do aluno, mas também de feedback para a auto-avaliação do professor, seja para o alcance dos objetivos, seja para averiguação de sua metodologia de trabalho.

Identifica ainda que, neste particular, a observação sistemática e organizada pode servir de instrumento avaliativo para:

- A consecução de alguns objetivos de ensino, como por exemplo os que descrevem a habilidade de executar tarefas motoras, os relacionados à educação física, ou aqueles que se referem aos resultados de aprendizagem em educação artística (artes plásticas, musicais, artes cênicas e expressão corporal);
- A consecução de certos objetivos educacionais na área afetiva, envolvendo interesses, hábitos e mudança de atitudes;
- O comportamento social traduzido em termos de habilidades de convívio social;
- Alguns aspectos referentes ao desenvolvimento físico.

Verificamos, portanto, que a pedagogia cuida deste tema de forma sistemática e exaustiva, procurando inclusive conceituar alguns fatores característicos dessas práticas. Entretanto, não encontramos dados que venham a corroborar no sentido de transformar a avaliação numa prática transformadora e de inserção social. Na verdade todas as metodologias encontradas para a avaliação, procuraram analisar os objetivos propostos aos alunos, mas, sobretudo, aqueles objetivos pré-determinados, pautados em filosofias positivistas que, em momento algum, procuraram fazer da prática em sala de aula um ato crítico e reflexivo dos alunos sobre esta mesma prática.

Neste particular, analisaremos apenas aquelas características que, direta ou indiretamente, são plenamente influenciáveis pelos mecanismos sócio-comportamentais atualmente vigentes. Caso seja este o ideal de cidadão e de sociedade que o professor acredita e almeja, enquanto sujeito mediador e condutor do processo de ensino-aprendizagem, estaremos realizando aquilo que seria determinado até mesmo pela própria atuação deste para com os alunos. Contudo, se confiamos numa pedagogia voltada para a crítica sócio-cultural e a sistematização dos conteúdos relacionados à transformação multilateral dos sujeitos envolvidos no processo, é preciso determinar quais metodologias de ensino facilitem o alcance à emancipação destes sujeitos.

A participação nas aulas e nas atividades propostas pelo professor deve ter o mesmo objetivo que têm nas demais disciplinas do currículo escolar, como no ensino da matemática, das línguas, da geografia e da história. A participação é uma condição que se faz necessária para o aprendizado dos vários conteúdos propostos pela educação física, talvez mais importante até do que para outras disciplinas, por possuírem características marcadamente teóricas.

Ainda assim, se pretendemos organizar nossas ações em prol de um aprendizado relevante por parte do aluno, devemos observar sim, constantemente, periodicamente, sistematicamente e de maneira organizada. Contudo o que se pretende observar e analisar não é somente a execução dos gestos técnicos das danças, dos esportes ou das lutas, mas o que de fato o aluno produziu em sala de aula, ou seja, avaliamos não só o praticar, mas o pensar a prática.

Se nossos alunos não produzem em sala de aula, como faremos nosso juízo de valor em relação aos conteúdos ensinados? Se eles não conseguem organizar-se em grupo, como poderemos falar aqui de pressupostos e atitudes sociais na prática esportiva ou num determinado desporto coletivo? De fato eles precisam mostrar a si próprios que sabem como e onde jogar... que organizam-se para, e com quem e quem jogar... que, ainda assim, conseguem desenvolver seu potencial criativo dentro do jogo, inclusive utilizando suas regras formais, bem como modificando-as quando necessário. É dessa forma, ao nosso ver, que a avaliação na educação física tornar-se-á mais clara e objetiva, tanto do ponto de vista do professor quanto do aluno.

3- Metodologia

3.1 A instituição de ensino, suas relações profissionais e pedagógicas, e a Educação Física nela inserida.

A instituição onde desenvolvemos nossa pesquisa de campo, bem como o período de prática de ensino e estágio supervisionado, trata-se de escola particular, pertencente à congregação religiosa católica com mais de dois séculos de existência, localizada no bairro da Boa Vista, município do Recife-PE. Ela oferece em suas instalações todos os graus de ensino, que vão desde a educação infantil até o ensino médio. Este último correspondente à faixa de escolaridade na qual tivemos carga horária de regência e observação de aulas práticas. De maneira mais específica, nós concentramos as investigações nas turmas de 1º e 2º ano do ensino médio.

É importante deixar claro que, por conta da instituição ser de congregação religiosa, apresenta em suas atitudes pedagógicas algumas práticas filantrópicas de apoio a crianças carentes que, mesmo sem ter condições de financiar os estudos em escolas particulares, têm a possibilidade de receberem bolsas integrais para freqüentarem as aulas normalmente, e ainda lugar digno

de moradia e alimentação. Esta característica filantrópica não interfere nas atitudes dos professores ao tratarem os conteúdos das disciplinas, ou seja, as aulas acontecem da mesma forma que aconteceriam se não tivesse a presença desses garotos bolsistas. Talvez, por parte dos professores, haja um cuidado a mais com estes alunos, não por serem de classe social baixa, mas por possuírem uma dificuldade de aprendizado maior, devido aos seus déficits pedagógicos anteriores. O nível sócio-econômico dos alunos da escolar varia bastante, inclusive por conta dessa diferenciação filantrópica praticada pela instituição. Mesmo grande parte dos alunos cujos pais pagam a escola integralmente são pertencentes a classes sociais distintas, fato que, a princípio, não vem interferindo no trabalho dos professores.

Com relação à educação física especificamente, a instituição apresenta uma disponibilidade e preocupação com a prática permanente dos seus alunos, sejam nas aulas propriamente ditas, sejam em festivais, jogos e olimpíadas internas, todos organizados pelo departamento e coordenação esportiva da escola. Este, por sua vez, é composto por profissionais capacitados, todos formados e licenciados em educação física, e que possuem compromisso com o ensino e o respeito para com

a disciplina dentro da instituição. Procuram trabalhar os conteúdos correspondentes à Cultura Corporal do Movimento, procurando sistematizá-los de maneira contínua e cíclica, dividindo-os de forma seqüencial para cada etapa de escolaridade (ensino seriado). Seguindo o que é proposto por BETTI (2003), a produção do conhecimento por parte dos alunos também é estimulada, tanto na forma de trabalhos, quanto através de pesquisas em bases de dados, e relatórios descritivos produzidos pelos alunos.

A participação em eventos de congregação e reuniões, que são incentivados pela diretoria da escola, incorporam algumas características específicas da educação física e outras que visam o atendimento às necessidades financeiras e mercadológicas da instituição. Sabemos que a inadimplência é um fator preocupante em muitas escolas particulares do estado e, quer seja ou não, este aspecto econômico acaba por influenciar as práticas dos professores, que se sentem no dever de propor atividades interessantes para os alunos (conquista de prêmios, atividades diferentes e variadas, participação em competições, etc), ao passo que sejam também rentáveis para a escola (venda de uniformes e camisas, inscrição de atletas, etc). Os eventos previstos e realizados na instituição tiveram um

caráter beneficente e filantrópico de *arrecadação de alimentos*, exatamente pelo fato de ser uma prática presente e constante da escola. A organização de festivais, olimpíadas, jogos internos, entre outras atividades, agregam também aspectos pedagógicos (p.ex. interdisciplinaridade, cooperação, participação em eventos científicos, produção de conhecimento por parte dos alunos, etc), e estas características puderam ser observadas tanto nas olimpíadas culturais, direcionadas ao ensino médio e segundo segmento do ensino fundamental (5^a a 8^a séries), como também durante os jogos internos realizados para o primeiro segmento do ensino fundamental (Alfabetização a 4^a série). Cabe aqui, ressaltarmos a importância da presença do professor de educação física nesses eventos, seja participando do projeto idealizador de tais atividades, seja organizando o espaço físico, os materiais e instrumentos, ou outras estruturas importantes para a sua realização.

Com relação à averiguação desses aspectos relativos a instituição, bem como da educação física nela inserida, realizamos relatórios de aulas e observações, onde procuramos manter por escrito um diálogo e um levantamento das características mais importantes. Nesses relatórios, ou diários de campo, enfatizamos tanto questões

estruturais quanto pedagógicas da escola, ambas relacionadas ao tema escolhido e a outros aspectos da educação física em particular.

3.2- A avaliação do ensino da educação física dentro da escola-campo de pesquisa.

A avaliação do ensino da educação física por parte dos professores da escola, especificamente nas turmas onde se desenvolveu o período de estágio (1^o e 2^o ano do ensino médio), se tratou de um *processo contínuo*, em que os alunos foram constantemente impelidos a participarem de eventos e produzirem junto ao professor. Com relação aos conteúdos de ensino da educação física, estes são ministrados no intuito de fazer com que os alunos aprendam e os utilizem para a vida, independentemente das condições físicas, técnicas, de gênero, de raça, etc. Foram selecionados, pelo professor titular da disciplina, os conteúdos de basquetebol e futsal durante o período de prática de ensino supervisionado. Portanto, nossas intervenções foram no sentido de sistematizar esses dois temas da cultura corporal de movimento e, por se tratarem de turmas em fim de escolaridade, nossa responsabilidade, e também dos alunos, em dominar aspectos mais básicos dessas duas modalidades, bem como

proporcionar um aprendizado mais aprofundado das mesmas, tornou-se mais evidenciada.

Do ponto de vista da atribuição de conceitos como critério de avaliação do desempenho dos alunos, notamos que há a distinção de três momentos (notas) distintos, organizados da seguinte forma:

- Nota 1 – prática dos alunos nas aulas;
- Nota 2 – Realização de trabalhos intra ou extra-classe;
- Nota 3 – Relatórios produzidos pelos alunos.

Estes três conceitos dizem respeito aos conteúdos atitudinais, pedagógicos, sociais e disciplinares, previamente selecionados pelo professor, contudo, há também a possibilidade de realização de provas escritas em sala de aula. Diferentemente das outras disciplinas no currículo escolar, a educação física não tem períodos pré-determinados de avaliação (p.ex. semana de provas, testes, etc), ficando totalmente a cargo do professor a programação avaliativa das turmas. E, como se não bastasse, durante o período “oficial” onde ocorrem as avaliações dos outros componentes curriculares, geralmente o professor de educação física é retirado da quadra, ou sala, e aproveitado para realização e fiscalização das provas, quando não é

requisitado para “tomar conta”, dos alunos que já as concluíram. Isto mostra que, embora a instituição *in casu* reconheça a importância da prática da educação física por parte dos alunos, ainda possui algumas atitudes de discriminação com a disciplina e com o professor, colocando-os num plano inferior frente às demais matérias escolares. É como se a avaliação do ensino da educação física não existisse, e o professor pudesse efetuar qualquer juízo de valor em cima da simples participação dos alunos durante as aulas, e a disciplina fosse um componente de menor importância ganhando um caráter apenas de *atividade escolar*, e não de *componente curricular obrigatório*, como preconiza a LDB-EN (Lei 9.394/96).

4- Discussão e análise dos dados

Com relação à primeira nota (prática dos alunos durante as aulas), percebemos que o tempo de experiência do professor e o seu conhecimento dos alunos, fazem a diferença nas observações que ele executa da prática dos mesmos. Neste particular, as observações acontecem no sentido de verificar características como comprometimento com as atividades propostas, assiduidade, aspectos relativos aos relacionamentos sociais com os

demais alunos e com o próprio professor e os níveis de apropriação dos conteúdos ensinados. Como foi relatado anteriormente, por se tratarem de turmas avançadas e, principalmente, pelo fato do objetivo geral da disciplina na escola ser o de *“produzir cidadãos críticos e consumidores das formas de participação ativa em desportos, seja na forma de ocupação do tempo livre, seja na forma competitiva”*, nossas intervenções foram no sentido de proporcionar o entendimento de algumas características gerais e específicas dos conteúdos, contudo, impelindo os alunos para que demonstrassem seus conhecimentos das modalidades, a fim de organizarem-se sozinhos e corretamente para a realização dos jogos e atividades. Para nós, que não dispomos de experiência com os alunos dessa escola, a questão da observação das aulas, acabou se tornando apenas uma observação da participação dos alunos, ou seja, a participação nas atividades torna-se um fim nela própria, e os alunos apenas participam, não demonstrando nenhum, ou quase nenhum, compromisso com os conteúdos propostos.

Vale ressaltar que na turma do 1º ano do ensino médio, temos um aluno portador de necessidades especiais (PNE), fato que nos impulsionou ainda mais no sentido de produzir e avaliar as aulas ministradas a

essa turma especificamente. Pelo fato do aluno ser cadeirante, evidenciamos claramente algumas limitações, principalmente quando tratávamos o conteúdo de futsal. Mesmo assim, procuramos minimizar constantemente essas dificuldades fazendo com que os próprios alunos produzissem, em momentos previamente estabelecidos das aulas, algumas alternativas práticas (mudanças de regras, utilização de equipamentos, adaptação ao jogo, etc), para que ele participasse normalmente.

A segunda nota selecionada refere-se à produção de pesquisas e trabalhos sobre temas previamente selecionados pelo professor. Esta metodologia de pesquisa pode representar um problema, principalmente quando nos referimos às bases de dados encontradas na Internet, revistas e jornais que não tem nenhum compromisso científico e pedagógico com a educação física e, o que é mais grave, ainda transmitem de forma errônea certos conhecimentos sobre esportes e atividades físicas, colocando o desporto de alto-rendimento como meio socializador e de aquisição de uma “saúde” que não existe, e está desvinculada do compromisso social de saúde coletiva. Na verdade, eles devem tratar este tipo de avaliação de maneira crítica e reflexiva, trazendo para a discussão do grupo essas características que permeiam

o desporto de alto nível, e como poderíamos tratá-lo para que seja um meio de aquisição de experiências ricas, quer sejam de caráter biológico, filosófico ou social.

Com relação à última nota prevista para a avaliação da disciplina, referente à produção de relatórios e anotações das aulas por parte dos alunos, parece-nos ser de importância significativa para o processo de avaliação do aprendizado, muito embora a análise de todos os cadernos seja uma proposta avaliativa que demande tempo considerável ao professor. A partir do relato das experiências organizado pelos alunos, o professor também estabelece uma relação dialogal de *feedback* entre os objetivos e metodologias planejadas por ele, e o que de fato foi aprendido pelos alunos durante as aulas.

Analisando estes três tipos / critérios de avaliação propostos na escola, fica claro que, do ponto de vista da avaliação escolar, a educação física possui um repertório maior de possibilidades avaliativas que às demais disciplinas e, em tempos de negação da avaliação formal, preconceituosa, classificatória, baseada em provas que pouco medem o conhecimento real que o aluno possui, a disciplina está à frente dos demais componentes curriculares, exatamente por conta dessa diversificação e do uso constante da

observação da prática dos alunos. Contudo, se por um lado estamos na vanguarda da avaliação escolar qualitativa, com ênfase na regulação das aprendizagens, conforme preconiza SAUL (1994), o componente curricular educação física ainda sofre preconceitos e indeterminações dentro das escolas brasileiras, seja por desconhecimento de suas especificidades por parte das instituições, seja pela contaminação sócio-histórica, fortalecida pelas ilusões vendidas pela mídia, que ainda permanecem vivas na teoria e na prática, inclusive dos próprios professores da disciplina.

As características metodológicas encontradas durante as aulas podem ser interpretadas de várias formas. Como pudemos perceber a partir dos textos de SOUZA JÚNIOR (2000), o que é visto nas escolas é uma exacerbação dos conteúdos esportivos (modalidades coletivas), nas aulas de educação física. Mesmo que tenhamos que vivenciar estes conteúdos, não é interessante do ponto de vista pedagógico, que os alunos tenham apenas tais assuntos para vivenciarem e aprenderem durante as aulas de educação física. Além do mais, tratam-se de temas particularmente difíceis de serem avaliados do ponto de vista educacional e pedagógico, principalmente durante a realização dos mesmos. Esta exacerbação é fruto da própria

influência do desporto de rendimento na educação física escolar brasileira, especificamente por volta dos anos 70 e 80 do século passado, onde a preocupação e valorização de atitudes “patrióticas”, bem como a realização de competições escolares e universitárias cresceram fortemente (MORAES, 2003).

Sob a lente da participação dos alunos nas aulas, procuramos evidenciar, em todos momentos, a participação ativa e produtiva dos alunos nas atividades. Para enfatizarmos este aspecto metodológico da organização das aulas, utilizamos como base os métodos criativos descritos por TAFFAREL (1985), na parte final do semestre, principalmente o método das perguntas operacionalizadas. Foram vivenciadas formas diferentes de realização dos jogos e verificação do conhecimento prévio dos alunos, na forma de execução e descrição de movimentos, habilidades técnico-táticas dos desportos, conceitos e características específicas das modalidades propostas, tudo isso através de situações-problemas, ora propostas e ora resolvidas pelos próprios alunos. Desta forma, pudemos ter mais clareza no que diz respeito à transmissão de conhecimentos, bem como avaliar o que de fato está sendo internalizado e aprendido pelas turmas. Da mesma forma, podemos identificar quais são os pontos positivos e negativos da nossa própria

atuação pedagógica, reformulando objetivos, conteúdos e metodologias que favoreçam a descoberta dos conteúdos por parte dos alunos. É importante reconhecer que, pelo fato dos alunos não estarem acostumados com este tipo de metodologia de aula, nos primeiros momentos não há o entendimento correto de como seriam operacionalizadas as atividades. Assim, tivemos que modificar gradativamente a estrutura de nossas aulas, a fim de fazer a transição entre as metodologias de ensino, para que os alunos não rejeitassem de pronto as novas alternativas de atividades.

5- Conclusão

Quando concentramos nossa metodologia na simples participação dos alunos nas aulas, como acontecem nas metodologias tecnicistas e predominantemente desportivas, nas quais os alunos apenas executam as tarefas apresentadas pelo professor, sem qualquer comprometimento ou produção durante as atividades, eles acabam apenas participando delas, sem que tenham nenhuma intencionalidade e aprendizado real. Esta mera participação, por sua vez, trás consigo um descompromisso dos alunos com a disciplina, o que obriga o professor a avaliar esta participação e ainda atribuir um juízo de valor a mesma. O vivenciar é parte essencial no pro-

grama de ensino e de avaliação em educação física, exatamente por ter como especificidade característica os conteúdos de caráter prático. Porém, este vivenciar deve vir acompanhado de um significado de *práxis*, para que o aluno além de vivenciar, coloque em prática, através de uma reflexão também teórica, o que foi aprendido nas aulas, bem como seus conhecimentos e experiências pessoais adquiridas fora da escola. *Participação não é critério de avaliação, e sim parte obrigatória do processo. Afinal, Como atribuir "notas" ao aprendizado de técnicas e fundamentos específicos do basquetebol, por exemplo? Iremos preconizar a realização dos movimentos biomecanicamente corretos? Iremos observar a quantidade de cestas ou gols marcados pelos alunos?* Após o caminho percorrido pela educação física no sentido de distanciá-la desta visão tecnicista, efetuar uma avaliação com base nestes parâmetros, seria regredir no tempo e pôr à baixo toda produção e esforço científico em qualificar a disciplina, o trabalho dos professores e o aprendizado das crianças e jovens.

As influências e critérios que existem dentro das escolas brasileiras, no que diz respeito à avaliação da aprendizagem na educação física, estão relacionados a fatores históricos de total desmerecimento com os conteúdos e especificidades

da disciplina, bem como das metodologias empregadas pelos professores, que favorecem a repetição, a exclusão e a falta de clareza dos objetivos de ensino, conseqüentemente, tornando a avaliação pouco clara e significativa, tanto para professor, quanto para o aluno.

Estes alunos devem produzir para que vivenciem o aprendizado, e, logicamente, também o erro. Sem haver a participação produtiva dos alunos durante as aulas, o aprendizado torna-se por ensaio e erro. Esta participação deve ser estimulada a partir de metodologias que facilitem o pensamento divergente, a criação e as situações-problemas pedagogicamente direcionadas e organizadas. Esta participação deve acontecer não no sentido de *presença*, mas no sentido de *produção de conhecimento*, de descoberta de possibilidades, de uma metodologia de aula baseada numa forma intencional de aprender e pensar a prática.

Por fim, concluímos que a educação física encontra-se diante de um paradoxo estabelecido entre a pedagogia, as instituições de ensino e seus profissionais. No mesmo instante que temos um avanço relativo à área pedagógica da avaliação do ensino em educação, encontramos metodologias avaliativas utilizadas pelos professores de educação física que, na maioria das vezes, não é

tida com respeito, nem tampouco compreendida pelas instituições e as pessoas que fazem parte do processo. Este fato, ao nosso ver, se deve a situação sócio-histórica estabelecida entre a disciplina e a educação brasileira, o que desencadeia este esteio de confusões que pode, afinal, serem minimizadas com um trabalho planejado e organizado realizado pelos docentes, no sentido de conscientizar os alunos e instituições a respeito dos verdadeiros objetivos do ensino e da aprendizagem da educação física, e conseqüente avaliação, dentro do contexto escolar.

Referências

- D'ANTOLA, Arlette. **A observação na avaliação escolar:** um estudo experimental. São Paulo: Loyola, 1976.
- GUIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Educação física progressista:** uma pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 2003.
- HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem.** 6.ed. São Paulo: Ática, 1997.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora:** uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 1995.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física.** São Paulo: Cortez, 1992.
- MORALES, Pedro. **Avaliação escolar:** o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2003.
- PERRENOUD, Philippe. **Avaliação:** da excelência à regulação das aprendizagens. Entre Duas Lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- SAUL, Ana Maria. **Avaliação emancipatória:** desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo. São Paulo: Cortez, 1988.
- VASCONCELLOS, Celso dos S. **Avaliação:** superação da lógica classificatória e excludente. do "é proibido reprovar" ao "é preciso garantir a aprendizagem". 4.ed. São Paulo: Libertad, 1998.

Contato com os autores:

Saulo Fernandes:
saulo.fernandes@ammass.com.br

Recebido: setembro/2008
 Aprovado: fevereiro/2009